

Eugénio de Andrade

BRANCO NO BRANCO  
•  
CONTRA A OBSCURIDADE

prefácio de  
António Carlos Cortez

ASSÍRIO & ALVIM

DA LUZ À NEVE:  
UMA LEITURA DA POESIA EM  
*Branco no Branco e Contra a Obscuridade*

Leio na obra de Eugénio de Andrade (19-1-1923 / 13-6-2005) um dos momentos mais altos da nossa poesia de novecentos. A que se deve a surpresa de, relendo Eugénio, sentir sempre nova a sua palavra, simultaneamente leve e densa, transparente e sombria, fremente de um desejo que parece eternizar-se e consciente da beleza e efemeridade do corpo? Talvez se deva essa surpresa à aparente simplicidade dos processos retóricos que o poeta de *Obscuro Domínio* (1971) emprega de cada vez que o trabalho sobre a palavra o implica numa vontade de revelar o rosto do homem; um rosto livre de toda a espécie de tiranias, de dicotomias ou morais hipócritas. Talvez se deva essa surpresa, esse prazer, àquela aparente espontaneidade que resulta, não do que se faz de modo imediato, mas antes do que nasce de um longo e maturado processo de simplificação.

Lendo poemas assim, sei que estou perante uma obra que parece convidar-me, a todo o instante, a não procurar nela qualquer sentido absoluto. Talvez essa negação relativamente a qualquer segurança interpretativa se prenda com o que no último verso do poema V deste volume se afirma: «O real é a palavra.» E tal asserção, tão radical na sua certeza, desafia-me, desafia-nos. Que nos quer dizer a voz que destes poemas, os de *Branco no Branco e Contra a Obscuridade*, se desprende?

V

Um amigo é às vezes o deserto,  
outras a água.  
Desprende-te do ínfimo rumor  
de agosto; nem sempre

um corpo é o lugar da furtiva  
luz despida, de carregados  
limoeiros de pássaros  
e o verão nos cabelos;

é na escura folhagem do sono  
que brilha  
a pele molhada,  
a difícil floração da língua.

O real é a palavra.

## VI

As cegonhas.  
Trazem-me o adro,  
duas casas, ou três, se forem brancas,  
a terra onde pousavam

lentas, eu tinha então  
a idade das amoras,  
o sol sufocava sobre a boca,  
lembras-te?, ou o peso doutra boca,

doutra razão, já não sei,  
corria à pedrada  
os cães de que tinhas medo,  
e fugia de ti para afagar

em segredo  
o baiozinho que então namorava.

## VII

Agora moro mais perto do sol, os amigos  
não sabem o caminho: é bom  
ser assim de ninguém  
nos ramos altos, irmão

do canto isento de alguma ave  
de passagem, reflexo de um reflexo,  
contemporâneo  
de qualquer olhar desprevenido,

somente este ir e vir com as marés,  
ardor feito de esquecimento,  
poeira doce à flor da espuma,  
apenas isso.